

ARTES PLÁSTICAS

JAYME MAURICIO

- 5.8.55 -

se o futuro júri de premiação nada mais tivesse a fazer, no plano nacional, do que os paulistas já decidiram. É engraçado e um pouco provinciano. Já decidiram, por exemplo, que o prêmio de desenho será de Odriozola, o prêmio de gravura de Maria Bononi, esta por haver sido injustiçada na VII Bienal e na última Bienal de Veneza, injustiça contra a qual lutamos, é verdade, mas que não pode estabelecer padrões de julgamento futuro num júri cuja constituição é ainda uma incógnita.

Evidentemente, os paulistas têm o direito de formar uma opinião aproximada dos valores maiores ou menores que participaram das exposições dos dois últimos anos em São Paulo, apenas. Mas como a bienal é paulista, seus diretores paulistíssimos, e São Paulo para eles é o centro de tudo, a premiação teria forçosamente de ser paulista, mas paulista da capital e não do interior, especialmente do Vale do Paraíba. (E ficam um pouco assustados quando surgem valores indiscutíveis como é o caso do escultor Sérgio de Camargo, cuja exposição individual causou o mais forte impacto nos operosos bandeirantes.) Não ocorre pensar que os membros do grande júri — a Bienal não abre mão da política de um júri numeroso que permita a todos a defesa do seu prêmio de compensação, já que os maiores geralmente vão para os centros mais desenvolvidos — mas como dizíamos, não ocorre pensar que os membros do júri talvez tenham idéias diferentes do júri de seleção e da opinião da política artística da paulicéia. A impressão geral é de que os respeitáveis senhores acabarão fazendo o que São Paulo quiser, lavando as mãos da política local para melhor defender os seus interesses.